

Reverberações de um Coração Moderno: Uma Análise Intertextual da Música e Literatura Japonesa através de *Kokoro* de Natsume Sōseki e “Hitchcock” de Yorushika

Caroline Sakamoto Yonamine¹

Resumo

Este artigo explora as interseções entre o romance *Kokoro* de Natsume Sōseki e a canção “Hitchcock” de Yorushika, analisando o engajamento intertextual deles com temas de isolamento, identidade e tensão social ao longo da história do Japão. *Kokoro* (1914), ambientado na era Meiji, examina a alienação e a crise de identidade resultantes da modernização do Japão e do conflito entre os valores ocidentais e tradicionais. “Hitchcock” de Yorushika traz os temas de Sōseki para um cenário contemporâneo, onde o desencanto da juventude moderna reflete a luta contínua do Japão pela autenticidade e autoexpressão em um mundo globalizado. Por meio de uma leitura atenta das letras e do texto, este artigo emprega a teoria da intertextualidade de Linda Hutcheon para revelar como a música de Yorushika traduz as percepções de *Kokoro* em uma experiência auditiva, conectando expressões históricas e modernas da identidade japonesa. Ao reimaginar a narrativa de Sōseki em um novo meio, Yorushika revitaliza sua exploração dos conflitos individuais e sociais, tornando-os acessíveis para uma nova geração e destacando o poder da adaptação na literatura e música japonesa.

Palavras-Chave: Intertextualidade; Literatura Japonesa; Música popular japonesa; Análise transmidiática.

1. Introdução

Este artigo examina a longa e duradoura indagação japonesa pela definição de identidade, autenticidade e individualidade através da conexão entre a literatura moderna e a música contemporânea. Com foco em *Kokoro*, o romance de Natsume Sōseki e sua reinterpretação na canção “Hitchcock” de Yorushika, este estudo explora como ambas as obras refletem questões profundas e persistentes sobre a natureza do “Eu” e tensões sociais ao longo de diferentes gerações. *Kokoro*, uma exploração do isolamento psicológico em meio à modernização do Japão, serve como um âncora histórica, capturando a alienação fomentada à medida que o Japão adotou ideais ocidentais. Paralelamente, “Hitchcock” de Yorushika traz esses temas a um público moderno, examinando a desilusão, a autoexpressão e o complexo panorama da identidade japonesa contemporânea.

O artigo primeiramente apresenta uma visão geral do contexto histórico e social da Era Meiji, seguido de uma análise da vida de Sōseki e sua relevância atemporal na literatura japonesa. Além disso, fornece-se um resumo de *Kokoro* para exibir a maneira como o romance de Sōseki capturou a tensão entre os valores tradicionais e o individualismo inspirado no Ocidente. Posto isso, foca-se no cenário musical e na sociedade contemporânea japonesa,

¹Mestranda em Língua, Literatura e Cultura Japonesa na Universidade de São Paulo, Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados, especialista em Psicologia Forense e Criminologia pela Universidade Metropolitana do Estado de São Paulo. E-mail: caroline.yonamine@usp.br

apresentando *Yorushika* e sua canção "Hitchcock", que espelha as percepções de Sōseki sobre a contenda individual e societal frente a um mundo em rápida mudança.

Procede-se para uma análise profunda da letra da música "Hitchcock", aplicando a teoria da intertextualidade e adaptação de Linda Hutcheon para revelar como *Yorushika* transforma a narrativa de *Kokoro* ao engajar-se com a obra de Sōseki através de uma adaptação musical, conectando passado e presente, e tornando os temas de *Kokoro* relevantes para uma nova geração.

Por meio de leitura atenta e análise comparativa, a pesquisa destaca como os conceitos de solidão, conflito moral e a busca pela identidade são expressos em ambos os textos. Essa abordagem oferece uma visão nuançada de como os temas de *Kokoro* foram reinterpretados na música de *Yorushika* para abordar a identidade japonesa contemporânea.

2. O Espírito de Meiji: A Modernização no Japão

Estabeleceu-se o período Meiji (1868-1912) com a derrubada do xogunato Tokugawa, iniciando uma transição que transformou o Japão de uma sociedade rigidamente feudal e isolacionista para uma sociedade aberta à influência ocidental. O período foi caracterizado por uma rápida modernização, adotando a tecnologia e os ideais ocidentais, o que provocou uma profunda crise de identidade entre o povo japonês, que lutava para conciliar os valores tradicionais com esses novos ideais, particularmente o conceito de individualismo (MCCLELLAN, 2010).

O espírito de Meiji incorpora a dificuldade de equilibrar o passado do Japão com seu presente. Esse conflito era evidente nos debates entre progressistas como o *Min'yusha*, que apoiavam a adoção de práticas ocidentais, e conservadores como o *Seikyosha*, que defendiam um empréstimo seletivo de ideias e práticas ocidentais para preservar a identidade japonesa (PYLE, 1969). Esse debate fomentou questões fundamentais como "Quem sou eu?" e "O que é um 'eu'?" à medida que os intelectuais japoneses debruçavam-se sobre a tensão entre o "eu" interdependente do Japão e o "eu" autônomo ocidental.

Christanda e Rosiandani (2019) observam que essa introdução de valores ocidentais durante a era Meiji impôs uma pressão sem precedentes sobre a sociedade tradicionalmente

coletivista do Japão. Os jovens expostos a esses ideais frequentemente adotavam uma visão de mundo que priorizava a ambição pessoal e a autoexpressão, o que estava em desacordo com a ética centrada no coletivo com a qual cresceram. Esse conflito não apenas desafiou as expectativas familiares e sociais, mas também intensificou o conflito interno desses indivíduos, que agora navegavam em um cenário no qual a lealdade à família ou ao coletivo não era mais o único princípio orientador da sociedade.

As reformas educacionais promoveram disciplinas ocidentais, como a literatura, a ciência, a psicologia, que rapidamente se tornaram caminhos alternativos para o poder. Assim, os jovens formados nesses programas de estilo ocidental, e preparados para as novas profissões em ascensão nessa nova era, conquistaram uma autoridade incomum para sua idade na sociedade tradicional japonesa. Essa inversão de poder geracional criou novas tensões sociais, como observou Tokutomi (1935): “jovens e a população mais velhas também estavam frequentemente em conflito na sociedade ocidental, mas suas diferenças não eram tão notáveis quanto no Japão, onde o ritmo da mudança fora muito mais acelerado”. O sistema familiar exacerbou essas tensões, já que os jovens frequentemente sacrificavam ambições pessoais para cumprir deveres familiares, perpetuando o que o *Min'yusha* criticava como “tirania familiar”, que atrasava o potencial democrático e individualista do Japão (PYLE, 1969).

As obras de Sōseki refletiam uma tentativa pioneira de equilibrar a liberdade individual com a responsabilidade social, tema que ele explorou através de personagens que ilustravam o limbo entre as exigências da tradição e da modernidade. Seus romances, e particularmente *Kokoro*, criticam os efeitos psicológicos da modernização, destacando de maneira visionária a luta contínua para reconciliar a liberdade pessoal com as obrigações sociais (GOTO, 2012). Através de seus personagens, Sōseki captura o espírito da era Meiji, incorporando a complexa interação entre identidade e tradição.

3. Natsume Sōseki: A Voz da Transição.

Natsume Sōseki é uma figura de suma importância para a literatura japonesa moderna, moldando não apenas o cenário literário da era Meiji, mas também deixando uma marca duradoura na consciência social e cultural do Japão. Rubin (1979) observa que Sōseki rejeitava conciliações simplistas sobre a natureza, imaginando a literatura como um instrumento social para unir leitores e reduzir as divisões de um Japão em rápida modernização. Essa percepção

da literatura como função social ilumina a visão de Sōseki da escrita como um esforço para promover compreensão em uma época de desconexão.

As angústias de Sōseki com a questão da identidade, intensificadas por suas experiências e vivência em uma cultura ocidental, ecoam em seus personagens, que frequentemente debatiam e monologavam sobre a autoestima e a necessidade da busca por um propósito. Como observa Pollack (1988), o talento de Sōseki residia em sua capacidade de universalizar seus próprios conflitos existenciais, tornando-se uma voz emblemática da era Meiji, o que o tornou um profundo cronista de uma crise de identidade nacional coletiva. Doi Takeo, um psicanalista conhecido por aproximar as perspectivas psicológicas japonesas e ocidentais, considerava Sōseki um “observador sensível de fenômenos psíquicos” (DOI, 1976). Doi, como muitos estudiosos, via a obra de Sōseki como um carro-chefe de uma complexa hibridez cultural.

A introspecção de Sōseki é crucial em suas narrativas, pois ele buscava continuamente autenticidade e autoconsciência em sua arte. Biddle (1973) observa que as tendências introspectivas de Sōseki e sua honestidade consigo mesmo conferiram a seus romances psicológicos um nível de sofisticação e maturidade que poucos alcançaram, fazendo dele, como o descreveu outro grande autor japonês e ganhador do Prêmio Nobel, Kawabata Yasunari, um mestre do romance psicológico no Japão.

Assim, as obras de Sōseki não retratam apenas o isolamento, mas procuram contextualizá-lo dentro de uma experiência humana mais ampla, oferecendo aos leitores um meio de entender suas próprias angústias à luz das dele. Essa habilidade única de transformar a dor pessoal em arte universal consolidou sua reputação como um escritor que, através de um olhar moral e psicológico, conectou o individual ao coletivo.

Atualmente, as obras de Sōseki são celebradas por sua profundidade emocional, especialmente seu romance *Kokoro*, que continua a cativar jovens leitores (OHSAWA, 2001). Sua capacidade de conectar valores japoneses tradicionais com uma consciência psicológica moderna moldou a literatura contemporânea japonesa. Flülöp (2010), ressalta que seus romances ainda são amplamente lidos e estudados como textos fundamentais da literatura japonesa. A dedicação de Sōseki em explorar as dualidades psicológicas e culturais de sua época reflete uma experiência unicamente japonesa, mas que ressoa universalmente.

4. KOKORO: Um estudo sobre a identidade japonesa

Kokoro (1914), de Natsume Sōseki, considerado um marco da literatura japonesa moderna, explora os efeitos alienantes da modernidade e o entrelaçamento do coração humano com temas de traição, culpa e a busca interminável por um propósito. A palavra japonesa *kokoro* (心) é um termo sutil que vai além de qualquer equivalente em português como “coração” ou “mente” e até mesmo “espírito”. *Kokoro* abrange não apenas a ideia do coração físico, mas também as emoções, pensamentos e até mesmo a essência verdadeira de alguém. Representa uma fusão entre o emocional e o racional—sugerindo uma visão holística da experiência humana, a partir da qual sentimentos, pensamentos e o “eu” moral se intersectam.

Sōseki constroi uma narrativa ao redor de um questionamento existencial profundo, retratado através do jovem narrador não nomeado, identificado apenas como “Eu” e sua conexão com o enigmático “Sensei”. Em japonês, o termo sensei (先生) possui uma profundidade de significado que vai além de sua tradução direta como “professor”. Sensei combina os ideogramas 先 (sen), que significa “antes” ou “guiar”, e 生 (sei), que significa “vida” ou “viver”, simbolizando, de fato, aquele que guia outros no caminho da vida, enriquecido por uma experiência de vida. Isso implica um papel não apenas de transferência de conhecimento, mas de mentoria e orientação moral.

O conceito denota respeito pela autoridade, idade e sabedoria de vida, com uma reverência cultural profundamente enraizada. Como Inagaki (2010) observa, o papel do *Sensei* é íntimo, guiando seu aluno através das complexidades da vida, alinhando-se com uma compreensão tradicional japonesa do ensino a partir do exemplo. Esse relacionamento é muito mais pessoal e profundo do que o papel formal e instrucional geralmente associado ao “professor” nos contextos ocidentais.

Através desse relacionamento, Sōseki explora o lado sombrio do “eu” egoísta e da natureza humana. Essa exploração ressoa profundamente com as reflexões de Sōseki sobre a rápida ocidentalização do Japão, um processo que ele descreveu como uma modernização forçada que criou uma crise de identidade nacional e pessoal (CHRISTANDA & ROSIANDANI, 2019).

Na trajetória trágica de *Sensei*, Sōseki examina as consequências de se desviar dos ideais tradicionais, que, como representado no personagem K, entram em conflito com o

individualismo crescente da era Meiji. A adesão de K a ideais rigorosos é retratada tanto como algo nobre quanto como algo a ser condenado; sua recusa em reconhecer ou expressar seu amor por *Ojōsan*, impulsionada pela crença de que seus sentimentos significam uma fraqueza moral diante do caminho religioso da iluminação, o deixa vulnerável ao desespero. Essa narrativa revela a crítica de Sōseki às pressões impostas pelo mundo moderno, dentro do qual os desejos pessoais frequentemente entram em conflito com as expectativas sociais, e o individualismo fomenta o isolamento (NAKAHIRO, 2010). A morte de K sublinha os perigos de uma adesão rígida aos ideais, sugerindo uma incompatibilidade dolorosa entre valores tradicionais e as demandas de uma sociedade moderna.

Na trajetória trágica de Sensei, Sōseki examina as consequências de se desviar dos ideais tradicionais, que, como representado no personagem K, entram em conflito com o individualismo crescente da era Meiji. A adesão de K a ideais rigorosos é retratada tanto como algo nobre quanto como algo a ser condenado; sua recusa em reconhecer ou expressar seu amor por *Ojōsan*, impulsionada pela crença de que seus sentimentos significam uma fraqueza moral diante do caminho religioso da iluminação, o deixa vulnerável ao desespero. Essa narrativa revela a crítica de Sōseki às pressões impostas pelo mundo moderno, dentro do qual os desejos pessoais frequentemente entram em conflito com as expectativas sociais, e o individualismo fomenta o isolamento (NAKAHIRO, 2010). A morte de K sublinha os perigos de uma adesão rígida aos ideais, sugerindo uma incompatibilidade dolorosa entre valores tradicionais e as demandas de uma sociedade moderna.

Kokoro, então, retrata o coração humano como um palco de conflito interminável, onde o desejo de conexão é continuamente minado pelo egoísmo e pela traição. No ato final de Sensei, ele deixa seu testamento ao jovem narrador, oferecendo sua própria vida como um conto de advertência. O tema do isolamento no romance atinge um clímax aqui, com o suicídio de Sensei servindo como um retrato da solidão existencial que ele associa à vida moderna. Sua história revela o peso da fragilidade humana, refletida em um coração marcado por traições, tanto suportadas quanto infligidas (BIDDLE, 1973). A narrativa de Sōseki propõe a desconcertante percepção de que entender o “coração das coisas” pode ser uma busca inalcançável, oferecendo pouco refúgio diante da solidão do eu moderno. Isso é um produto do Espírito Meiji: moldado por um momento fraturado no tempo, combatendo crises de identidade e suspenso entre a impossibilidade de retornar ao passado e as incertezas sobre como seguir adiante frente a um futuro repleto de incertezas.

5. Os Ecos Contemporâneos: *Yorushika* e a Identidade Japonesa no Novo Milênio

O Japão contemporâneo e a era Meiji compartilham uma complexa e específica característica: a interação de modernização, globalização e transformações internas em estruturas culturais, econômicas e sociais que desestabilizaram os alicerces da identidade tradicional japonesa. O colapso da bolha econômica resultou na “década perdida”, uma recessão prolongada que começou no início dos anos noventa. Esse período não apenas dizimou muitas das estruturas econômicas do Japão, mas também remodelou valores culturais e expectativas sociais (CERVELLI, 2017). Como aponta Uno Tsunehiro (2014), “a mudança nas temáticas retratadas nas criações populares japonesa entre 1995 e o final dos anos 2000 correlaciona-se com o fim da bolha econômica e eventos devastadores repentinos,” como o ataque com gás sarin e o terremoto de Hanshin-Awaji, que fomentaram um clima de “ansiedade e desconfiança” entre a população.

A desestabilização vivida na década de noventa reflete a crise de identidade vista no período Meiji, embora em circunstâncias diferentes. Quando o Japão abriu suas portas para o Ocidente e iniciou sua rápida modernização, enfrentou uma crise semelhante ao tentar conciliar tradição com ideologias e práticas ocidentais. Assim como o governo Meiji reestruturou políticas sociais e econômicas para se alinhar a modelos ocidentais, o Japão da era pós-bolha adotou políticas econômicas neoliberais para reviver sua economia estagnada (MORI, 2009). Esse período foi marcado pelo surgimento do emprego informal e do sistema dos chamados “freeter”, uma tendência que sublinha a crescente instabilidade econômica e social do Japão. O termo “freeter”, derivado das palavras “free” livre, em inglês e “arbeit”, trabalho em alemão, descreve jovens envolvidos em empregos de meio período, *freelancer* ou temporários como alternativa ao emprego corporativo tradicional de tempo integral. Na década de 2000, essa mudança já havia permeado até as vidas de graduados de universidades renomadas, muitos dos quais se mostravam cada vez mais desiludidos com suas limitadas perspectivas de emprego em meio à economia flutuante do Japão (TAKAHASHI, 2011).

Esse sentimento de desilusão e insegurança entre os jovens japoneses encontra exteriorização no que Kayama Rika (2002) identifica como *petit nationalism*. Ao contrário das formas tradicionais de nacionalismo, o nacionalismo *petit* não envolve a afirmação de uma ideologia política forte, mas centra-se na manutenção de uma imagem seletiva e reconfortante do Japão, que parece autêntica e, ao mesmo tempo, não demanda nada da população. Kayama descreve os jovens do novo milênio como politicamente neutros ou até mesmo “inocentes”;

eles apoiam símbolos culturais japoneses—como equipes esportivas nacionais ou canções de J-pop—sem “hesitação ou dúvida”, abraçando um orgulho que é “leve, ingênuo e pequeno”.

Essa forma de nacionalismo reflete uma ansiedade profundamente enraizada e uma desconexão com a identidade histórica do Japão, intensificada pela globalização e mudanças econômicas. No *petit nationalism*, o orgulho é dirigido para dentro, em direção a um sentido nostálgico de identidade japonesa que é protegido das complexidades de um mundo globalizado, ainda que as reconheça. (KAYAMA, 2002) Torna-se uma forma de resistência passiva, uma maneira para a juventude sentir-se conectada à “*japonesidade*” em uma sociedade que já não oferece a estabilidade ou unidade das gerações passadas. (MORI, 2009)

As indústrias criativas também refletem essa crise de identidade tanto por meio de suas produções quanto pela estrutura de seu mercado de trabalho. Coletivamente conhecidas como *gyōkai* (業界), esse termo traduzido literalmente como “indústria” ou “campo” é usado para descrever setores dentro da produção cultural, particularmente campos criativos no Japão, como música, arte e filmes. *Gyōkai* tornou-se um termo importante para entender o panorama cultural moderno do Japão, pois reflete tanto um compromisso com a autenticidade quanto o desafio de manter uma identidade cultural dentro de um ambiente midiático globalizado (MORI, 2009).

Nessas indústrias, a criatividade tornou-se mercantilizada; segundo Fujita (1983), letristas ou compositores profissionais que trabalham sob encomenda são geralmente obrigados a criar músicas que se alinhem aos objetivos da produção, independentemente de seus sentimentos ou desafios pessoais. Em contraste, no Japão, cantores-compositores tradicionalmente escrevem músicas que refletem suas visões sobre a sociedade e suas experiências pessoais. A criatividade, celebrada como um espaço de liberdade pessoal que se opunha ao ambiente tradicional de trabalho corporativo, no qual, segundo Takahashi (2011), as pessoas “não são avaliadas como indivíduos, mas como peças de utilidade imediata dentro da força de trabalho” abriu caminho para o emprego de *freeters* como “mão-de-obra barata e flexível”. Inicialmente, o estilo de vida *freeter* simbolizava uma escolha positiva, e rapidamente se associou aos campos criativos, particularmente à música, à medida que muitos músicos independentes adotaram esse estilo de vida para seguir carreiras artísticas sem as restrições do emprego de tempo integral (MICHISHITA, 2007).

Nos anos 2000, essa ênfase na autenticidade e auto expressão ganhou ainda mais força com o ressurgimento da cultura do “Faça você mesmo” ou *Do-it-Yourself (DiY)* em inglês. Originada nos anos 1970, a cultura *DiY* retornou com vigor renovado por meio da mídia digital e da internet, que possibilitaram um maior e mais livre engajamento comunitário, permitindo que artistas independentes que não necessitem mais da indústria musical tradicional para

alcançar um público (LIU, 2019). Assim, a cultura *freeter* e o *DiY* se intersectam, oferecendo um caminho contracultural para os jovens que buscavam liberdade de expressão no cenário japonês cada vez mais globalizado (MORI, 2009).

Embora a música internacional tenha tração limitada nas paradas japonesas e a indústria musical no Japão seja em grande parte “auto-orientada”, ou seja, voltada principalmente para o público japonês, o J-pop ainda propõe em uma interação contínua entre autenticidade, tradição e adaptação. Entre esses artistas, destaca-se *Yorushika*, uma dupla musical japonesa composta pelo compositor, letrista e guitarrista n-buna e pela vocalista suis, por seu engajamento com temas atemporais que ressoam profundamente com a geração jovem do Japão. O trabalho de *Yorushika* reflete uma qualidade narrativa única, com álbuns concebidos como arcos narrativos, permitindo que os ouvintes interpretem cada música como parte de uma narrativa maior e interconectada. Ao referenciar a literatura japonesa em suas canções, *Yorushika* constrói uma ponte intertextual que torna a literatura mais acessível para o público jovem, fortalecendo a conexão interartes no fomento de debates culturais.

Uma ressonância cultural mais profunda é alcançada na música de *Yorushika* por meio de seu engajamento com a literatura japonesa moderna, especificamente *Kokoro*, de Natsume Sōseki. Essa releitura moderna em forma de música situa *Kokoro* em um contexto contemporâneo, no qual os jovens japoneses podem encontrar ecos de suas próprias angústias na prosa secular de Sōseki, e através dos personagens Elma e Amy, que personificam as complexidades psicológicas e emocionais que ecoam os temas de *Kokoro*. Elma, cujo ponto de vista permeia a narrativa da canção "Hitchcock", enfrenta um intenso conflito interno impulsionado por um profundo desejo de compreender o seu papel no mundo, muito semelhante ao “Eu” que narra o romance *Kokoro*.

Amy, por outro lado, espelha a figura de *Sensei*. Tal como *Sensei*, que reluta em revelar totalmente suas emoções e pensamentos aos outros, e desiludido com a indústria musical, ainda incerto se desencoraja ou não Elma de seguir carreira neste campo, Amy é distante e reservado, oferecendo uma mentoria que parece fria e hesitante, em vez de calorosa. Esse paralelo com *Kokoro* sublinha um conflito social mais amplo—na qual a juventude japonesa deve confrontar as limitações de depender de outrem para a compreensão de uma sociedade que, devido aos seus valores coletivistas, refuta a resiliência individual.

Na próxima seção, exploraremos as dinâmicas intertextuais de *Kokoro* como reimaginadas na canção "Hitchcock," de *Yorushika*. Para fundamentar essa análise, recorreremos à teoria da intertextualidade de Linda Hutcheon, que enfatiza como novos textos absorvem e transformam os originais por meio de atos de adaptação e recontextualização. Para Hutcheon

(2006), a intertextualidade vai além da mera referência, criando um “diálogo” por meio do qual o passado é reimaginado no presente, convidando o público a se envolver com ideias familiares em formas novas. Aplicando este referencial teórico, analisaremos como "Hitchcock" dialoga com *Kokoro*, capturando a relevância duradoura dos temas de Sōseki e oferecendo introduzindo a narrativa de *Yorushika*.

6. Construindo Pontes entre o Passado e o Presente através da Adaptação Intertextual: uma análise da letra de “Hitchcock”.

O conceito de intertextualidade, introduzido por Julia Kristeva (1966), é definido por Carvalho (2003, p. 72) como um "mosaico de citações, absorção e transformação de outro texto". Essa visão ressalta a ideia de que o significado de uma obra literária é ampliado por meio do diálogo com outros textos, enfatizando o caráter relacional da produção literária. Kristeva propõe três premissas centrais para a compreensão da intertextualidade: a infinitude da linguagem poética, a dualidade do texto literário enquanto escrito e lido, e sua natureza como "feixe de conexões".

Carvalho complementa essa perspectiva ao incorporar a teoria da "indireção semântica" de Michel Riffaterre, que sugere que os significados de um texto transcendem seu conteúdo explícito e emergem das interações entre o contexto cultural, as intenções do autor e as interpretações do leitor. A etimologia de *textere* (tecer), utilizada por Riffaterre, reforça a ideia de que o método intertextual é um processo de entrelaçamento, no qual diferentes elementos são reunidos para formar uma nova e complexa tessitura literária.

No âmbito da adaptação, Shiloh (2007) define o conceito como "uma composição artística reorganizada em uma nova forma, uma alteração na estrutura ou função de um organismo para que este se torne mais adequado à sobrevivência, ou uma modificação na atividade individual para ajustar-se aos limites sociais". Essa abordagem destaca a transformação e o ajustamento como características essenciais do processo adaptativo, evidenciando a relação íntima entre adaptação e intertextualidade.

O dialogismo de Bakhtin também contribui para a compreensão dessas relações, ao afirmar que nenhum texto é uma entidade isolada. Pelo contrário, todos os textos estão inseridos em uma conversa contínua com outros textos, gêneros e estruturas culturais. Mesmo formas não literárias, como letras de canções, integram-se na heteroglossia — a interação de múltiplas vozes e perspectivas —, compondo diálogos que atravessam diferentes esferas culturais (PETKOVA, 2005).

Esses fundamentos encontram uma síntese mais ampla na teoria de Linda Hutcheon, que, em *A Theory of Adaptation* (2006), posiciona a adaptação como um processo intrinsecamente intertextual. Para Hutcheon, as narrativas podem ser desenvolvidas em três modos principais: narrar, mostrar e interagir, cada um oferecendo diferentes possibilidades de interpretação. A adaptação, nesse contexto, é descrita como um processo duplo: ela é simultaneamente um produto e uma prática, funcionando como uma recriação que traduz e transforma a essência da obra original. Ao atravessar diferentes mídias — como cinema, televisão, música ou teatro —, as adaptações não apenas reinterpretam, mas também enriquecem o potencial interpretativo do texto-fonte, ampliando sua relevância cultural e artística.

O conceito de transmutação de Hutcheon, por exemplo, descreve a adaptação como a transcodificação de sinais quando uma obra é expressa em um novo meio—pelo qual artistas equilibram as expectativas do público, sintetizando o conteúdo de maneira que respeite o original e, ao mesmo tempo, adapte sua forma e significado. Em contraste com a ênfase convencional na fidelidade a um texto-fonte, Hutcheon (2006) afirma que as adaptações devem ser apreciadas como “obras autônomas” que podem ser “interpretadas e valorizadas como tal”. Essa autonomia enfatiza que as adaptações são obras criativas por natureza, não apenas réplicas sombreadas pelo “original”.

Esta pesquisa ao analisar a canção Hitchcock, de *Yorushika*, considera a adaptação através do modo “mostrar” de Hutcheon. Na música, Hutcheon (2006) explica, “equivalentes aurais para as emoções dos personagens” evocam respostas afetivas únicas no público, ampliando ou mesmo desafiando os significados transmitidos visual ou verbalmente. Isso se alinha à abordagem de *Yorushika*, pois Hitchcock interpreta musicalmente os temas emocionais complexos encontrados em *Kokoro*, de Natsume Sōseki, oferecendo uma adaptação auditiva original que dialoga com o original.

Na análise a seguir, a adaptação de *Kokoro* através de Hitchcock será examinada com foco nos conceitos parafraseados ou aludidos nas letras, seguidos de uma exploração de como a própria música aprofunda e recontextualiza os temas do romance, fundindo-os com uma narrativa musical contemporânea que ressoa com a identidade japonesa moderna.

「先生、どうでもいいんですよ。

(“Sensei, dou demo iin desu yo.)

生きてるだけで痛いんですよ。

(*Ikiteru dake de itain desu yo.*)

ニーチェもフロイトも

(*Niche mo Furoito mo*)

この穴の埋め方は書かないんだ。

(*Kono ana no umekata wa kakanainda.*)

“Sensei, eu não me importo.

Só continuar a viver me causa dor.

Nem Nietzsche nem Freud escreveram

Sobre como preencher esse vazio.”

Em uma tradução livre, as palavras de *Sensei* em *Kokoro*, “Eu suporto minha solidão agora para evitar uma solidão maior no futuro. Veja, a solidão é o preço que temos que pagar por nascer nesta era moderna, tão cheia de liberdade, independência e de nossos próprios eus tão egoístas,” (p. 250) descrevem uma solidão enraizada não na ausência de pessoas, mas na natureza da individualidade moderna. Para *Sensei*, a solidão é uma parte inescapável da existência em um mundo que, ao valorizar cada vez mais a autonomia pessoal, paradoxalmente isola os indivíduos, tornando conexões profundas e significativas raras e difíceis de sustentar.

Essa perspectiva ilustra o tema do isolamento auto-imposto como uma forma de autopreservação, por meio da qual a resignação de *Sensei* à solidão não é apenas resultado das circunstâncias, mas uma decisão consciente. Dessa forma, sua aceitação da solidão se torna uma forma de proteção contra a vulnerabilidade emocional, refletindo sua crença profunda de que esse isolamento é o “preço” pago pelo egocentrismo que a modernidade incentiva.

Já na letra de *Yorushika*, a dor existencial de Elma é evidente, pois ela expressa sua insatisfação com respostas meramente teóricas e filosóficas e sua frustração com o vazio que nem mesmo a sabedoria consegue preencher, um vazio que só aumenta conforme a narrativa se desenvolve no álbum seguinte, intitulado *Elma*, dialogando “Hitchcock” à música “心に穴が空いた” (Um buraco aberto em meu peito). Através de *Elma*, *Yorushika* captura a frustração e a dor de uma personagem jovem e idealista, confrontando as duras realidades que *Amy*, como *Sensei*, já internalizou.

Para *Elma*, a solidão sentida não é teórica—é uma dor persistente e diária que causa o questionamento de como se ela pode aliviar esse sofrimento. Esse desabafo captura tanto seu anseio por orientação quanto sua crescente frustração com as limitações dos conselhos que já recebera, na esperança de que *Amy* fornecesse uma resposta diferente. Assim como em *Kokoro*,

o “Eu” buscou *Sensei* por estar insatisfeito com o conteúdo ensinado na universidade, certo de que havia mais sobre a vida do que apenas o conhecimento acadêmico. Enquanto as palavras de *Sensei* sublinham a inevitabilidade da solidão na modernidade, a resistência de Elma a essa ideia encapsula tanto sua luta por conexão quanto sua recusa em aceitar o desiludido ponto de vista de Amy, pintando a mentoria como uma ponte frágil entre a esperança e a resignação.

ただ夏の匂いに目を瞑りたい。

(Tada natsu no nioi ni me wo tsumuritai.)

いつまでも風に吹かれない。

(Itsumademo kaze ni fukaretai.)

青空だけが見たいのは我儘ですか。

(Aozora dake ga mitai no wa wagamama desu ka.)

あなただけを知りたいのは我儘ですか

(Anata dake wo shiritai no wa wagamama desu ka.)

“Eu só gostaria de fechar os meus olhos

Diante do cheiro do verão.

Eu quero sempre sentir o vento

É egoísta da minha parte querer

apenas olhar o céu azul?

É egoísta da minha parte querer

Conhecer apenas você?”

Este verso reimagina o momento no romance em que "Eu" segue *Sensei* até o mar, capturando uma sensação profunda de liberdade e euforia, intensificada pelo isolamento deles da multidão e pela imersão na natureza. Ao nadar ao lado de *Sensei*, rodeado pelo vasto mar azul e pelo sol brilhante, ele sente uma libertação das amarras de seus pensamentos cotidianos, totalmente imerso no momento presente. A imagem vívida do “azul deslumbrante do céu” e dos “pequenos raios brilhantes” que perfuram seus olhos transmite a empolgação juvenil e um sentimento de receptividade, sublinhando seu desejo de entender a vida por meio da experiência de outra pessoa.

Esse momento é mais do que uma libertação das pressões externas; o ato de seguir *Sensei* até o mar mostra como “Eu”, ainda tentando formar sua própria compreensão de individualidade, anseia por uma conexão com alguém que admira e idealiza, disposto a ser

conduzido a novas experiências através de uma confiança cega. O desejo de nadar ao lado de *Sensei* e de imitá-lo no mar também captura o conflito de "Eu" entre sua necessidade de conexão e a busca por autoconhecimento. Ainda assim, isso também prenuncia a tristeza inevitável que virá, à medida que ele confronta as realidades complexas que *Sensei* representa e começa a perder a simplicidade de sua admiração inicial. Esse momento é, portanto, tanto uma celebração da inocência quanto uma indicação de sua fragilidade; a partir desse ponto, a vida de "Eu" começa a perder a cor, e as descrições vibrantes desaparecem do romance.

Inspirando-se nessa cena, *Yorushika* pinta um paralelo entre Amy e Elma. Assim como "Eu" deseja entender a vida pela experiência de *Sensei*, Elma vê em Amy uma espécie de mentor, alguém que personifica a sabedoria artística, mesmo carregando o peso do desencanto. A música, cantada do ponto de vista de Elma, ecoam muito do inicial anseio inocente de "Eu". Seu desejo de "conhecer apenas você" não é muito diferente da dependência de "Eu" para com *Sensei*. O desejo de Elma de sentir para sempre o vento, de estar rodeada pelo aroma do verão e pelo céu azul é ao mesmo tempo belo e efêmero, mostrando que a beleza e a alegria muitas vezes são passageiras. Assim como "Eu" começa a perder as cores vibrantes de seu idealismo juvenil ao se aproximar de *Sensei*, o mesmo ocorre com Elma; Amy representa não apenas um ideal artístico, mas também a inevitável decepção e a complexidade da vida real. *Yorushika* captura a delicada e muitas vezes dolorosa transição da inocência para a experiência.

胸が痛んでも嘘がつけるのは何でなんでしょうか。

(*Mune ga itandemo uso ga tsukeru no wa nande nan deshou ka.*)

悪い人ばかりが得をしてるのは何でなんでしょうか。

(*Warui hito bakari ga toku wo shiteru no wa nande nan deshou ka.*)

幸せの文字が¥を含むのは何でなんでしょうか。

(*Shiawase no moji ga okane wo fukumu no wa nande nan deshou ka.*)

一つ線を抜けば辛さになるのはわざとなんでしょうか。

(*Hitotsu sen wo nukeba tsurasa ni naru no wa waza to nan deshou ka.*)

“Por que eu minto mesmo quando

Isso faz o meu coração doer?

Por que só as pessoas más prosperam?

Por que o ideograma para ‘felicidade’

possui o símbolo de ien?

É proposital que deixar um traço de fora

*Torna o ideograma de felicidade
no ideograma de tristeza?"*

A letra ecoa de forma comovente uma lição central transmitida por *Sensei* a "Eu" em *Kokoro*: a perturbadora e intrínseca vulnerabilidade da natureza humana ao comprometimento moral. A visão de *Sensei* sobre essa fraqueza revela seu desencanto com a tendência humana de trair seus próprios valores diante da tentação. *Sensei* afirma (p.240): “As pessoas enganam outras por dinheiro,” assim como seu tio o enganou para tirar-lhe sua herança. “Mesmo quem você considera mais próximos não hesitarão em te trair se houver uma fortuna em jogo.” Esta observação abala a crença do “Eu” em binários morais fixos, sugerindo que a integridade humana é altamente circunstancial. As experiências de vida de *Sensei* o convenceram de que “não há um vilão estereotipado neste mundo,” mas sim, pessoas comuns que, sob certas pressões, podem ser levadas a ações moralmente questionáveis. Ele repreende o julgamento de "Eu", advertindo (p.238): “Em condições normais, todos são mais ou menos bons ou, ao menos, ordinários. Mas, frente a tentações, todos podem mudar repentinamente. Isso é o que há de mais assustador nos homens.”

A referência ao ideograma para felicidade (幸せ, shiawase) e como ele pode se transformar em 辛さ (tsurasa, “dor”) com uma leve alteração simboliza a fragilidade da alegria e a facilidade e como ela pode se converter em sofrimento. Essa fragilidade, reflete a visão sombria de *Sensei* sobre a natureza humana e o potencial de desilusão da vida, isso chama a atenção para a realidade desalentadora de que as definições sociais de felicidade são frequentemente influenciadas pelo materialismo. Assim, a letra de *Yorushika* ecoa a exploração de *Kokoro* sobre o desencanto com as noções convencionais de sucesso e realização, levantando questões sobre a autenticidade desses ideais.

Esses temas encontram mais ressonância dentro da narrativa de *Yorushika*: Amy, como personagem, representa o artista desiludido que, decepcionado com a indústria, alerta Elma sobre os compromissos éticos exigidos para o sucesso. Seu personagem se assemelha à visão cética de *Sensei*, revelando os custos morais associados à busca de fama. Elma, em contraste, personifica uma devoção pura à música e à arte, representando a ingenuidade que Amy abandonou em sua luta com as expectativas da indústria.

Sua personagem espelha a perspectiva inocente e simplista de “Eu”, representando um desejo de encontrar significado sem sacrificar a integridade e, por isso, a necessidade de fazer tantas perguntas. A dinâmica resultante entre Elma e Amy ilustra o conflito entre manter os valores originais e sucumbir às pressões externas—um dilema ético que se alinha intimamente

com a afirmação de *Sensei* sobre a falibilidade humana. Os alertas de Amy a Elma destacam a tensão pervasiva tanto na arte quanto na sociedade: a batalha entre ganhos egoístas e uma expressão autêntica.

「先生、人生相談です。

(*Sensei, jinsei soudan desu.*)

この先どうなら楽ですか。

(*Kono saki dou nara raku desu ka.*)

そんなの誰もわかりはしないよなんて言われますか。

(*Sonna no dare mo wakari wa shinai yo nante iwaremasu ka.*)

“*Sensei, eu quero falar sobre a minha vida
O que eu deveria fazer de agora em diante?
Você também vai me dizer que
“ninguém além de mim sabe”
Ou algo do tipo?*”

Uma das principais cenas em *Kokoro* é reconstruída aqui. Quando o “Eu” pede a *Sensei* sua opinião, *Sensei* responde: “Esse tipo de coisa é algo que você deve pensar por conta própria em vez de perguntar aos outros”. Esse paralelo entre *Kokoro* e o universo lírico de *Yorushika* destaca uma lição crítica, ainda que frustrante, tanto para o “Eu” de *Kokoro* quanto para Elma: as questões mais profundas da vida muitas vezes não podem ser plenamente respondidas por outra pessoa, independentemente de sua sabedoria.

Em *Kokoro*, a relutância de *Sensei* surge de sua crença profunda de que as pessoas são inerentemente pouco confiáveis. Essa visão, moldada por suas próprias decepções, sugere ao “Eu” que as respostas para as dificuldades da vida não são simplesmente transmitidas; elas precisam ser enfrentadas pessoalmente, de forma responsável, mas distantes do resto do mundo. Essa resposta insatisfatória traz uma frustração sutil ao “Eu”, pois ele percebe que talvez não receberá a orientação que procurava em *Sensei* e que não poderia ao menos minuciosamente analisar *Sensei*.

As interações de Elma com Amy levam a uma realização semelhante nesta música. Amy, cauteloso com os compromissos da indústria musical e desiludido com suas próprias experiências, se mantém reservado, talvez para evitar impor um caminho a Elma ou por um senso de ceticismo protetor. Essa relutância deixa Elma em uma posição emocional semelhante

à do “Eu”, enfrentando questões complexas da vida sem a orientação que esperava. A falta de apoio explícito enfatiza uma lacuna que a idade e a experiência não preenchem, destacando o custo emocional de navegar nas complexidades da vida, mesmo com uma figura de mentor. Ambas as narrativas refletem como a verdadeira compreensão é frequentemente autodirigida, deixando cada personagem a lutar com a jornada frustrante, porém essencial, em direção à autossuficiência.

青春って値札が背中に貼られていて

(*Seishun tte nefuda ga senaka ni hararete ite*)

ヒッチコックみたいなサスペンスをどこか期待していた。

(*hicchikokku mitai na supensu wo doko ga kitai shiteita*)

“Com uma etiqueta de preço
Me classificando como “jovem”
Colada nas minhas costas
Eu esperava por um suspense como
nos filmes de Hitchcock”

O verso ressalta o conflito entre liberdade e a mercantilização da vida, e o fascínio pelo mistério contrastado com a inevitável desilusão trazida pela vida adulta. A letra de *Yorushika* faz menção ao estilo de suspense consagrado de Alfred Hitchcock, caracterizado pela exploração dos aspectos ocultos da natureza humana, paranoia e a fragilidade das conexões, sugerindo que o idealismo juvenil carrega uma expectativa latente pela imprevisibilidade, o drama e a intriga. Essa antecipação é então abruptamente desfeita pela percepção de que a juventude, simbolizada pela "etiqueta de preço", não está isenta das expectativas sociais nem da natureza transacional da vida.

Em *Kokoro*, "Eu" exhibe uma fascinação por *Sensei*, enxergando-o através de uma lente de mistério semelhante à aura carregada de suspense de uma narrativa de Hitchcock. Assim como os filmes de Hitchcock transformam o mundano em algo carregado de tensão, *Kokoro* apresenta *Sensei* como uma figura envolta em seus próprios arrependimentos do passado e ambiguidade moral, despertando curiosidade e reverência em "Eu". Esse suspense reside no passado até então não revelado de *Sensei* e no remorso que permeia suas ações, o que apenas intensifica o desejo de "Eu" de entendê-lo. Aqui, *Sensei* representa a gravidade da maturidade,

um contraste alarmante com as ilusões juvenis de suspense. Para "Eu", a empolgação idealizada e misteriosa que ele associa a *Sensei* é lentamente desmantelada à medida que aprende mais sobre as complexidades, verdades e custos da vida adulta.

Esse contraste entre juventude e vida adulta também é evidenciado pelas diferentes maneiras como os personagens mais jovens e mais velhos em *Kokoro* enfrentam a vida. Personagens mais jovens, como "Eu", *Sensei* quando mais novo e K, geralmente agem com idealismo impulsivo e paixão, enquanto ainda estão descobrindo as complexidades e consequências subjacentes de suas ações. Em contraste, *Sensei*, moldado pelos arrependimentos de sua vida ao longo do tempo, vê a natureza humana com uma clareza severa nascida da experiência. Essa diferença de compreensão reflete a tensão nas letras de *Yorushika*, onde o fascínio pelo suspense e mistério da juventude é atenuado pelo peso da realidade.

Na narrativa de *Yorushika*, uma “etiqueta de preço” nas costas de Elma reflete as inevitáveis restrições e desilusões que acompanham a maturidade, à medida que o idealismo juvenil é gradualmente substituído por uma visão mais pragmática da vida. Essa tensão é representada pela dinâmica de Amy e Elma. Para Amy, a indústria criativa representa tanto o encanto quanto a traição dos sonhos, e ele reluta em expor Elma a um caminho que pode levar a uma inevitável decepção, já que, um dia, ele trilhou este mesmo caminho e acabou desistindo da música. Ambos os personagens, assim, personificam a dura percepção de que, à medida que os mistérios da vida se aprofundam, o idealismo muitas vezes precisa ser ponderado em relação à experiência, deixando a geração mais jovem dividida entre inspiração e cautela.

7. Conclusões

Ao explorar a intertextualidade entre *Kokoro*, de Natsume Sōseki, e "Hitchcock", de *Yorushika*, este artigo demonstra como temas de isolamento, desilusão e identidade transcendem seus contextos originais para fomentar um diálogo compartilhado entre gerações no Japão. A adaptação de *Kokoro* por *Yorushika* vai além de uma simples comparação, revitalizando os temas e as questões existenciais de Sōseki para criar uma reinterpretação moderna que dialoga com o público contemporâneo. Por meio da intertextualidade, *Yorushika* não apenas faz referência a *Kokoro*, mas transforma sua essência em um novo meio, usando letras, melodia e as perspectivas de novos personagens em "Hitchcock" para envolver-se com a exploração de Sōseki sobre a luta individual e a alienação social. *Yorushika* convida novos públicos a confrontarem esses dilemas em suas próprias vidas e a entreterem-se por meio de uma nova narrativa. Essa conexão intertextual sublinha o poder da música e da literatura em

promover um diálogo cultural duradouro, afirmando a contínua relevância de *Kokoro* na identidade japonesa e destacando como a adaptação criativa pode aprofundar a ressonância de temas modernos em contextos contemporâneos.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Acesso em: 19 out. 2024.
- BIDDLE, W. W. *The Authenticity of Natsume Soseki*. *Monumenta Nipponica*, v. 28, n. 4, Winter, 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2383559>. Acesso em: 19 out. 2024.
- CARVALHAL, T. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. Acesso em: 17 out. 2024.
- CERVELLI, F. *Ima Deshō: the Vacuum of Immediacy in Contemporary Japanese Literature and Popular Culture*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Oxford, 2017. Disponível em: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:521d5f5e-d34d-454a-b622-a0454783cf80>. Acesso em: 17 out. 2024.
- CHRISTANDA, R. A.; ROSIANDANI, N. L. P. *Binary Opposition as the Manifestation of the Spirit of Meiji in Natsume Sōseki's Kokoro*. *Journal of Language and Literature*, v. 19, n. 2, 2019. Acesso em: 18 out. 2024.
- DOI, T. *The Psychological World of Natsume Soseki*. Massachusetts: Harvard University Press, 1976. Acesso em: 17 out. 2024.
- FLÜLÖP, M. *Culture Shock and the Birth of the Modern Japanese novel: Natsume Soseki*. In: BERG, W.; ÉIGEARTAIGH, A. (orgs.). *Exploring Transculturalism*. VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-531-92440-3_5. Acesso em: 19 out. 2024.
- FUJITA, S. ニューミュージックシンガーソングライター入門ゼミ. 自由現代社, 1983. Acesso em: 19 out. 2024.
- FUKUCHI, I. *Kokoro and 'the Spirit of Meiji'*. *Monumenta Nipponica*, v. 48, n. 4, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2385293>. Acesso em: 13 out. 2024.
- GOTO, K. 夏目漱石の「道義上の個人主義」再考. *現代社会学理論研究*, n. 6, 2012. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/sstj/6/0/6_76/pdf/-char/ja. Acesso em: 17 out. 2024.
- HUTCHEON, L. *A Theory of Adaptation*. New York: Routledge, 2006. Acesso em: 13 out. 2024.
- INAGAKI, K. *Kyoshi to Gakusei no Communication: "Shishuku" to Media*. *Nihon kyoiku shkaigakkai Taikai Happyou Youshi shun*, n. 62, 2010. Acesso em: 17 out. 2024.

KAYAMA, R. *プチナショナリズム症候群: 若者たちのニッポン主義*. Tokyo: 中央公論新社, 2002. Acesso em: 18 out. 2024.

KRISTEVA, J. *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*. New York: Columbia University Press, 1980. Acesso em: 17 out. 2024.

LIU, S. *Everybody's Song Making*. *Performance Research*, v. 24, n. 1, p. 120–128, 2019. DOI: 10.1080/13528165.2019.1594267. Acesso em: 19 out. 2024.

MICHISHITA, H. 「50歳からのフリーター宣言」. Mammo TV, 2007. Disponível em: <http://www.mammo.tv/interview/archives/no219.html>. Acesso em: 17 out. 2024.

MCCLELLAN, E. *The Implications of Soseki's Kokoro*. *Monumenta Nipponica*, v. 14, n. 3/4, p. 356–370, 1958–1959. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/238277>. Acesso em: 15 out. 2024.

MORI, Y. *J-pop: from the ideology of creativity to DiY music culture*. *Inter-Asia Cultural Studies*, v. 10, n. 4, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232962055>. Acesso em: 15 out. 2024.

NAKAHIRO, M. 《K》はなぜ自殺したのか? —夏目漱石の小説『こころ』に関する精神医学的解釈の試み. 夙川学院短期大学研究紀要, n. 39, 2010. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/shukulib/39/0/39_KJ00006517499/article/-char/ja/. Acesso em: 19 out. 2024.

NATSUME, S. [こころ]. Tokyo: Kodansha, 2007. Acesso em: 13 out. 2024.

NATSUME, S. *Kokoro*. Tradução de Meredith McClellan. Penguin Classics, 2010.

OHSAWA, Y. *Beyond the Genbun Itchi Movement: Natsume Sōseki's Writing in Kokoro*. *Proceedings of the Association for Japanese Literary Studies*, n. 2, 2001, p. 19–34. Disponível em: <https://journals.library.brandeis.edu/index.php/PAJLS/article/download/862/309/2834>. Acesso em: 17 out. 2024.

PETKOVA, S. *Mikhail Bakhtin: A Justification of Literature*. *Stanford's Student Journal of Russian, East European, and Eurasian Studies*, v. 1, 2005. Disponível em: <http://obook.org/amr/library/bakhtin2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

POLLACK, D. *Framing the Self. The Philosophical Dimensions of Human Nature in Kokoro*. *Monumenta Nipponica*, v. 43, n. 4, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2384795>. Acesso em: 15 out. 2024.

PYLE, K. B. *The New Generation in Meiji Japan*. Stanford: Stanford University Press, 1969. Acesso em: 17 out. 2024.

RIFFATERRE, M. *Semiotics of Poetry*. Bloomington: Indiana University Press, 1978. Acesso em: 14 out. 2024.

RUBIN, J. *Soseki on Individualism*. 'Watakushi no Kojinshugi'. *Monumenta Nipponica*, v. 34, n. 1, 1979. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2384280>. Acesso em: 15 out. 2024.

RUHMAN, F.; SAFRINA, N.; NAFISAH, N. *Trauma in Natsume Soseki's Kokoro: A character analysis. Passage*, v. 8, n. 2, p. 96–110, 2020. Acesso em: 16 out. 2024.

SHILOH, I. *Adaptation, Intertextuality, and the Endless Deferral of Meaning: Memento. M/C Journal*, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5204/mcj.2636>. Acesso em: 18 out. 2024.

SUZUKI, A. *The Exploration of Darkness; the Darkness of the Modern World in Kokoro and Heart of Darkness. 跡見英文学*, v. 12, 1998. Disponível em: <https://atomi.repo.nii.ac.jp/record/1840/files/atomi-eibungaku-12-6.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

TAKAGI, K. *Gender Consciousness in Natsume Sōseki. 日本語とジェンダー*, n. 14, 2014. Disponível em: https://gender.jp/wp/wp-content/uploads/2019/02/NGG_journal_14_takagi.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

TAKAHASHI, G. “*Bokura wa minna ‘hōmatsu’ da*”. In: “*2011 nen no shi*”. *Shinchō*, n. 11, 2011. Acesso em: 17 out. 2024.

TOKUTOMI, S. *蘇峰自傳*. Tokyo: Chūōkōronsha, 1935. Acesso em: 17 out. 2024.

WRIGHT, D. *Spiritual Discernment in Soseki Natsume's Kokoro. The International Fiction Review*, v. 17, n. 1, 1990. Disponível em: <https://journals.lib.unb.ca/index.php/IFR/article/download/14020/15102/18728>. Acesso em: 13 out. 2024.

YORUSHIKA. *ヒッチコック*. In: *負け犬にアンコールはいらない*. U&R Records, 2018. Acesso em: 13 out. 2024.

Reverberaciones de un Corazón Moderno: Un Análisis Intertextual de la Música y la Literatura Japonesa a través de Kokoro de Natsume Sōseki y “Hitchcock” de Yorushika

Resumen

Este artículo explora las intersecciones entre la novela Kokoro de Natsume Sōseki y la canción “Hitchcock” de Yorushika, analizando su compromiso intertextual con temas de aislamiento, identidad y tensión social a lo largo de la historia de Japón. Kokoro (1914), ambientada en la era Meiji, examina la alienación y la crisis de identidad que emergen de la modernización de Japón y del choque entre los valores occidentales y tradicionales. “Hitchcock” de Yorushika traslada los temas de Sōseki a un contexto contemporáneo, donde el desencanto de la juventud moderna refleja la lucha perdurable de Japón por la autenticidad y la autoexpresión en un mundo globalizado. A través de una lectura detallada de las letras y el texto, este artículo emplea la teoría de la intertextualidad de Linda Hutcheon para revelar cómo la música de Yorushika traduce los conocimientos de Kokoro a una experiencia auditiva, conectando expresiones históricas y modernas de la identidad japonesa. Al visitar la narrativa de Sōseki en un nuevo medio, Yorushika revitaliza su exploración de los conflictos personales y sociales, haciéndolos accesibles a una nueva generación y destacando el poder de la adaptación en la literatura y la música japonesa.

Palabras-clave: Intertextualidad; Literatura Japonesa; Música popular japonesa; Análisis transmediática.

Les résonances d'un cœur moderne: une analyse intertextuelle de la musique et de la littérature japonaises à travers *Kokoro* de Natsume Sōseki et "Hitchcock" de Yorushika

Résumé

Cet article explore les intersections entre le roman *Kokoro* de Natsume Sōseki et la chanson "Hitchcock" de Yorushika, en analysant leur engagement intertextuel avec les thèmes de l'isolement, de l'identité et des tensions sociétales à travers l'histoire japonaise. *Kokoro* (1914), situé pendant l'ère Meiji, examine l'aliénation et la crise identitaire résultant de la modernisation du Japon et de la collision entre les valeurs occidentales et traditionnelles. "Hitchcock" de Yorushika transpose les thèmes de Sōseki dans un cadre contemporain, où la désillusion de la jeunesse moderne reflète la lutte continue du Japon avec l'authenticité et l'expression de soi dans un monde globalisé. À travers une lecture approfondie des paroles et de la prose, cet article mobilise la théorie de l'intertextualité de Linda Hutcheon pour révéler comment la musique de Yorushika traduit les idées de *Kokoro* en une expérience auditive, reliant les expressions historiques et modernes de l'identité japonaise. En revisitant la narration de Sōseki dans un nouveau médium, Yorushika revitalise son exploration des conflits personnels et sociétaux, les rendant accessibles à une nouvelle génération et soulignant le pouvoir de l'adaptation dans la littérature et la musique japonaises.

Mots-clés: Intertextualité ; Littérature japonaise ; Musique populaire japonaise ; Analyse transmédiatique.

Reverberations of a Modern Heart: An Intertextual Analysis of Japanese Music and Literature through Natsume Sōseki's *Kokoro* and Yorushika's 'Hitchcock'

Abstract

This paper explores the intersections between Natsume Sōseki's novel *Kokoro* and Yorushika's song "Hitchcock," analyzing their intertextual engagement with themes of isolation, identity, and societal tension across Japanese history. *Kokoro* (1914), set during the Meiji era, examines the alienation and identity crisis emerging from Japan's modernization and the collision of Western and traditional values. Yorushika's "Hitchcock" brings Sōseki's themes into a contemporary setting, where the disillusionment of modern youth reflects Japan's enduring struggle with authenticity and self-expression in a globalized world. Through a close reading of lyrics and prose, this paper employs Linda Hutcheon's theory of intertextuality to reveal how Yorushika's music translates *Kokoro*'s insights into an auditory experience, bridging historical and modern expressions of Japanese identity. By revisiting Sōseki's narrative in a new medium, Yorushika revitalizes his exploration of personal and societal conflicts, making them accessible to a new generation and underscoring the power of adaptation in Japanese literature and music.

Keywords: Intertextuality; Japanese Literature; Japanese popular music; Transmedia analysis.